



Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO



Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMENARIO REPUBLICANO

Numero 255

Assinaturas
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, um anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

APOSTATAS

BANDALHOS

O nosso prezado collega *O Debate* diz que não passa a ter na conta de estúpidos e desonestos, pelo facto de se terem convertido á monarchia, os republicanos que anteriormente haviam considerado inteligentes e honestos.

Alto! Quanto á intelligencia, estamos d'accordo. Quanto á honestidade, não.

Quem era hontem intelligente é-o hoje, evidentemente, se não se lhe varreu o juizo. Quanto á honestidade e á bondade, lá diz o scepticismo popular, fundado na experiencia: «Todos são muito bons, enquanto se não tornam maus.»

E' boa! Pois então um sujeito, que era hontem tido por muito boa pessoa, não pôde praticar de hontem para hoje um acto que o revele um grande tratante?

Conhecemos melhor do que ninguém, ou ninguém, pelo menos, o conhece melhor do que nós, para escrevermos com maior exactidão, o character do illustre director do *Debate* e a pureza das suas intenções. Mas a verdade é que a phrase, a que nos referimos, contém uma verdadeira justificação da apostasia.

E isso não pôde ser. E isso, além de injusto, é funesto, n'estes tempos de versatilidade, que vamos atravessando.

Na monarchia ha homens honestos, não hesitamos em o acreditar. Mas não ha lá um, talvez, que considere a forma monarchica superior á forma republicana.

Em boa consciencia, nem um. Nasceram na monarchia, n'ella se conservam, uns porque não tem coragem para romper com tradições, outros porque vivem de privilegios inherentes á monarchia, outros porque não se querem matar a ganhar o pão da rebeldia, que é duro. São honestos? São, tanto quanto pôde se lo aquelle que colloca os interesses geraes abaixo dos interesses individuaes. Não são bandalhos, que é o termo. Não se pôde dizer, rigorosamente, que sejam honestos. Mas pôde-se dizer que não são bandalhos.

Mas os outros? Os outros que se declararam monarchicos depois de terem sido republicanos? Esses são bandalhos, verdadeiros bandalhos. Não tem outro nome.

O Debate refere o dicto de Gambetta a Emilio Olivier. Este, sendo accusado de transfuga, perguntou aquelle se considerava

um crime mudar de opinião. Gambetta respondeu: «Não, desde que com a mudança de opiniões não coincida uma melhoria de situação.»

Mas qual é o republicano que não melhora de situação, fazendo-se monarchico dentro d'uma monarchia? Fez-se monarchico porque considera o privilegio do nascimento superior ao direito do suffragio? Não. Fez-se monarchico porque quiz obter alguma coisa, ou dinheiro, ou emprego, ou consideração, ou importancia, qualquer coisa que lhe satisfizesse a vaidade ou o estomago. Pelo menos poz-se a coberto das perseguições, dos tombos, das más vontades que acompanham um republicano a toda a parte.

Mas um francaceo, diz-se, é perseguido como um republicano. E qual foi aquelle que se fez francaceo convencido de que não ha de gosar amanhã dos beneficios do poder?

Não é tal perseguido como um republicano. Aos francaceos persegue-os o governo actual. Aos republicanos persegue-os o rei. O rei, que é a chave de todos os poderes. Mas que a perseguição fosse a mesma n'este instante, a dos francaceos dura enquanto durar um ministerio, a dos republicanos dura em quanto durar a monarchia, que só poderá calir por meio d'uma revolução, em que os republicanos tenham de jogar vidas e fortunas.

Pois que? Pois ha paridade entre a situação d'uns e a situação d'outros? Pois os mariolas querem acobertar a apostasia revoltante com esse grosseirissimo embuste? Nem um só se faria francaceo sem a esperanza d'um proximo advento. Não venha elle, e todos os miseraveis deixarão, a breve trecho, de se agrupar sob a bandeira do Messias.

O Debate não chora pelos apostatas. E nós tambem não. Marcámo-los apenas na testa com o estygio indelevel da sua infamia. E pasmamos da condescendencia dos republicanos verdadeiros!

Sim, infamia. Talvez o termo choque a facil acquiescencia d'este meio pelintra. Comtudo, nenhum é mais justo, nem mais adequado.

Chegámos á ultima miseria. Estamos no apogeu do governo pessoal. Não ha dinheiro, não ha liberdades, não ha nada. Por muito menos do que isto tem rebentado revoluções em todos os pontos do globo, sem exclusão da pretalhada. E é este o instante em que varios republicanos se declararam monarchicos em nome da salvação da patria, escolhendo, para cumulo da infamia, a bandeira do homem que mais perseguira a democracia, que mais

affrontou a liberdade em Portugal.

Que malandros! Consentimos-lhes que sejam pullias com a monarchia e se creem francos. Tenham a coragem da franqueza e ficarão em paz. Sejam francaceos, mas sejam francos. Digam: «fizemo-nos francaceos porque estamos fartos de viver na humildade e na pobreza. Seduziu-nos, tambem a nós, a mania das grandezas. Queremos andar de braço dado com os conselheiros. Queremos ser conselheiro, como elles. Queremos brilhar. Queremos gosar. Somos pullias. Mas perdoamos o mal que nos faz pelo bem que nos sabe.» E nós responderemos: «Pois sejam pullias á vontade. Fiquem na paz do Senhor.»

Mas invocarem a salvação da patria para justificação da infamia, nunca. Impunemente, nunca.

Perdê-nos *O Debate*. Temos por este jornal muita sympathia e pelo seu director a maior estima. Bem sabemos que o prezado collega não quiz, no fundo, justificar, de forma alguma, a apostasia, nem era capaz de o fazer. Apenas foi piedoso com os miseraveis. Mas nós é que, em casos taes, nem essa piedade admittimos. Não, que é injusta e funesta.

Dêmos um salto quando vimos que *O Debate* não considerava deshonesto, principalmente no actual momento historico, em que tudo parece indicar que esta pobre patria se afunda sem esperanza, o mariola, quem quer que elle seja, que de republicano passa a monarchico em nome da salvação nacional. Dizem que é bom dormir sobre as indignações e proceder depois. Nós dormimos tres noites. E cada vez acordámos peor.

Sempre nos succedeu isso.

Decididamente não é para nós a tal receita de conversar com o travesseiro.

Perdê-nos, pois, o prezadissimo collega, este simples desafogo.

Que vão para a monarchia quantos republicanos queiram ir. Mas que vão como malandros e não como homens honestos.

Os honestos veem da monarchia para a republica, perder, arriscar, e não ganhar. Os malandros fazem o contrario: deixam de perder e arriscar para ganhar.

Esta é que é a verdade. Esta é só esta.

P. S.—De uma segunda leitura do *Debate* vimos que o prezadissimo collega estava, afinal, troçando dos apostatas.

Nem por isso foi, contra estes, mal empregado o nosso tempo.

A troça é pouca para o que merecem.

Bernardino Machado

Devia ter realisado hontem á noite no Porto a sua annunciada conferencia este nosso eminente correligionario e notabilissimo homem publico.

D'ella falaremos no proximo numero.

«O NORTE»

Entrou no 5.º anno de existencia o nosso prezado collega *O Norte*, diario republicano do Porto, que brilhante e demodadamente combate nas fileiras democraticas

As nossas mais sinceras felicitações.

«O nosso ultimo artigo»

O nosso ultimo artigo—*O Franquismo em Aveiro* foi citado por inuitos jornaes, que d'elle transcreveram varios trechos.

A impressão produzida pela deploravel conducta do sr. Luiz de Magalhães, em face das doutrinas de seu paes, foi profunda em todo o paiz.

Neerologia

Em Lisboa acaba de fallecer uma filha de João de Deus, e que apenas contava vinte e uma primaveras.

A sua desolaissima familia enviarnos a expressão sincera do nosso profundo sentimento.

Hoje ha festa de espanto no Martyr S. Sebastião, em Sá, assistindo a phylarmonica Aveirense. Tambem em Arada ha hoje de tarde arraial ao orago do logar.

O SR. JOÃO FRANCO EM AVEIRO

Ainda bem. Aveiro não correu á pedra o dictador do Alcaide, nem nós pretendiamos tanto. Se o pretendessemos, tê-lo iamos conseguido. Bastaria, para tanto, uma propaganda um pouquinho mais intensa, uma campanha de excitação feita com a antecedencia necessaria. E o espirito liberal d'esta população, cheia de energias e vigor, teria explodido indignado e vibrante.

Não ha povo no paiz que mais ouça a voz da verdade e da justiça. E' questão, apenas, de lh'a saber falar.

O sr. João Franco não foi corrido á pedra e sinceramente o estimamos. O caso não era para tanto. Mas—ainda bem!—o sr. Jayme Lima, o sr. Luiz de Magalhães e o dictador devem estar bem convencidos de que é inutil tentarem lançar raizes n'esta terra.

Não. A terra de José Estevão repudia o filho espurio, que não tem direito á gloriosa, á immaculada, á nobilissima tradição do paes.

Quanto ao sr. Jayme Lima, viu perfeitamente como já vão

passados os tempos da sua *apoteose*, que foi de curta duração. A corda com que lhe adornaram a fronte era de follas de figueira.

Acabou-se, excellentissimo senhor, acabou-se o seu poderio em Aveiro. Não se illuda mais a tal respeito. Acabou-se. Nem podia ser d'outra forma por um triplice motivo. Primeiro, porque Aveiro envergonha-se, esta terra que sempre se orgulhou dos seus homens inteligentes, esta terra que venera José Estevão, de ter um chefe politico que vae para a camara dos deputados, onde a voz potente do emigrado de Plymouth, do intrépido combatente da Villa das Vellas, da Calheta, da Ursulina e da Ladeira da Vella, do soldado das Praias do Mindello, do heroe da *Flecha dos Mortos*, do vulto gigante da oratoria tribunicia proferiu as mais brillhantes orações em defeza da liberdade, esta terra envergonha-se de ter como chefe politico um homem que vae para essa camara dizer que a escandalosa, a odiosa, e ao mesmo tempo mesquinha dictadura de João Franco foi uma revolução politica tão grande e profunda como aquellas que no nosso paiz se fizeram com as armas na mão.

Isso diz-se alli em Villar, excellentissimo. E diz-se n'um entremez. N'um entremez, excellentissimo. Isso só se permite em Villar, e só n'um entremez. N'um entremez a que possa assistir gente da cidade com o unico proposito de se rir. Não se diz n'um parlamento, ainda mesmo que esse parlamento se chame o *Solar dos Barrigas*.

Era o *Solar dos Barrigas*. Era uma comedia. Era uma farça. Era uma indignidade. Era uma torpeza. A obra do homem que se propõe salvar este paiz! A obra do redemptor! A obra do Messias! Era o *Solar dos Barrigas*. Pois nem sequer no *Solar dos Barrigas* era dado a ninguém, nem ao mais ignobil lacão de João Franco arvorado em representante do povo, nem ao ultimo dos brutamontes do mais infimo logarejo do paiz, infamar, vilipendiar, escarrar d'essa forma nos homens que soffreram fome, pancada, torturas e a força em prol de todos nós. Nos homens que nos libertaram á custa de soffrimentos sem nome. Nem a esse era permitido um escarro de tal ordem. Quanto mais a um homem de Aveiro!

Dada uma affronta de tal ordem, dado um insulto d'essa natureza, arremessado na camara em que tinha assento um filho de José Estevão, conlujado com o auctor da proeza, ou Aveiro reprovava para sempre o mais glorioso dos seus filhos, cobrindo-se de vergonha, ou quebrava toda a solidariedade moral e politica com

o audacioso imbecil que avançara tão revoltante, tão repugnante heresia.

Primeiro motivo, sr. Jayme Lima, do seu aniquilamento moral.

Segundo, porque Aveiro, pelo lado material, vê sempre um perigo no homem que não tendo energia, nem peso, para conseguir coisa nenhuma, tem audacia, a mesma audacia imbecil que o caracterizou no *Solar dos Barrigas*, para defender a supressão do districto, para julgar desnecessaria a existencia da barra e para se declarar indifferente á conservação do regimento.

Terceiro, porque Aveiro não tolera o mando de *Mijareta*, de *Chica*, de *Tinhoso*, de *Marechal do Lilibut* e quejandos, figuras condignas d'aquelle que proclamou a dictadura de João Franco **uma revolução politica tão grande e profunda como aquellas que no nosso paiz se fizeram com as armas na mão**, mas profundamente incompatíveis com uma cidade com as aspirações justissimas de Aveiro.

O seu poderio em Aveiro acabou, excellentissimo senhor. Durou uma hora de fraqueza, uma hora de cegueira.

Acabou. Escusa de tentar encobrir, com noticias falsas, com telegrammas forjados nas proprias redacções, o fiasco da visita do João Franco. Fechando o telegrapho ao domingo á 1 hora da tarde, e chegando João Franco ás 11 horas da noite, como é que o *Seculo* de segunda feira já traz as imponentes manifestações com que João Franco foi recebido á sua chegada?

Foi o *Mijareta* que levou a Lisboa a noticia em balão? Foi o *Bruzo* convertido em lobishomem? Foi o *Cubacinha* a cavallo nos arames? Foi o *Areias* montado na fada dos seus encantos? Ou foi o *Reles* transformado em *Centauro*?

Não illude ninguem, sr. Lima, nem em Aveiro, nem fóra d'Aveiro.

Como é que o sr. só encontrou 58 convivas, em todo o districto de Aveiro, para o grandioso almoço? Que pobreza de homens foi essa, que teve de recorrer, para os brindes, ao famigerado padre Manuel Rodrigues Vieira?

Banquetes muito mais importantes se tem realisado em Aveiro em honra de politicos, sem qualidade de Messias ou coisa parecida. Ninguem o ignora.

A mentira soez, que é arma constante dos partidarios do sr. Lima, não deixou de envolver o sr. João Franco. Para acabar de definir os seus processos, faltava que a politica franquista obrigasse a mentir o proprio sr. João Franco. Assim foi. O dictador disse, em pleno theatro, que o quartel de infantaria 24 estava a apodrecer, e abandonado, desde que d'elle sahiu o regimento de cavallaria.

Ora isto é completamente falso. Nunca o quartel esteve tão aceiado e limpo como agora. Nunca teve tantos melhoramentos como ultimamente tem tido, devido aos esforços do digno commandante do regimento, que n'esse ponto tem sido incançavel. Honra lhe seja. O franquismo indigena, que tem usado da mentira e da trapaça a proposito de tudo, não podia deixar de arrastar o seu chefe a dizer uma falsidade, commettendo uma grande injustiça.

O digno commandante do regimento de infantaria 24 não negará, sem duvida, permissão para visitar o quartel a todos aquelles que directamente se queiram certificar do que estamos avançando.

Mas para que gastar mais tempo a desmentir afirmações que já estão desmentidas na maior parte da imprensa do paiz?

Para Aveiro não é preciso. E isto é o essencial.

Lá para fóra, honve, felizmente, jornaes, que se encarregaram de destruir as falsidades dos adeptos do franquismo.

Felizmente, a colligação reaccionaria está vencida em Aveiro.

E vé lo hemos. Não viverá muito quem não vir a confirmação d'esta verdade.

UMA TAREIA NESTRA

Sob o titulo—*A sombra de José Estevão*, o nosso prezado collega *Diario da Tarde*, brilhante diario portuense, pespega no sr. Luiz de Magalhães a tarefa mestra que se vai ler. Não foi bem o sr. Luiz de Magalhães quem pronunciou na camara as palavras que o *Diario da Tarde* lhe attribue. Mas é a mesma coisa. Foi o socio. Um fala sempre em nome dos dois. O que um pensa, pensa o outro. O que um diz, diz o outro. Jayme de Magalhães Lima e Luiz de Magalhães falam pela mesma bocca e escrevem, em politica, pelo mesmo punho.

Segue a tosa:

«Hoje foi o dia de espectáculo em Aveiro pela companhia acrobatica dirigida pelo sr. João Franco. Alli, na terra de José Estevão, fallava, como consta dos programmas, o filho de José Estevão que figura entre os principaes escripturados da *troupe* mirabolante que cerca o Messias do Fundão.

Não resta duvida que o sr. Luiz de Magalhães não hesitaria em exumar dos repositórios da sua rhetorica dos grandes dias, para justificar e proteger a sua politica—iamos a escrever a sua *descrição*—a memoria gloriosa de seu pae, evocando as tradições da sua eloquencia enorme e o candente patriotismo, o ardente amor pela liberdade e pela democracia que escachoram em torrentes de lava do coração aos labios do maior orador politico que floresceu em terras de Portugal. Não resta a menor duvida; o sr. Luiz de Magalhães não hesitaria em commetter esse sacrilegio, não sentiria o minimo escrupulo em revolver as cinzas sagradas de seu proprio pae para com ellas betumar os alcerces do novo credo com que o sr. João Franco pretende mystificar o paiz em nome da liberdade de que elle foi o mais violento torsionario nas suas successivas passagens pelos bancos da governação. Não reste a menor duvida—o filho de José Estevão diria que José Estevão abençoou e applaude, lá do fundo da sua sepultura, a politica e os processos do sr. João Franco de que elle, Luiz de Magalhães, é um dos mais entusiasticos e afamados corypheus; e, fazendo drapejar aos olhos embuidos ou maliciosos dos ingenuos ou dos finórios, a recordação das tradições paternias que elle, com uma rara inconsciencia, afirma só a elle pertencerem, não trepidaria tambem em assegurar que o sr. João Franco é o legitimo successor espirital do orador ingente e inimitavel do *Charles et Georges* e das *Irmãs de caridade*... Sim, porque o sr. Luiz de Magalhães, no seu aprumo imperlino e algo desfructavel de cortejo e *raça-fina*, como diria Camillo, desconhece que as brilhantes e gloriosas tradições paternias de que tanto se ufana, e com as quaes explora, lhe não pertencem exclusivamente—não lhe pertencem já mesmo—porque são posse exclusi-

va e indeclinavel de todo o liberalismo portuguez até aos seus mais avançados matizes e dentro do qual não pôde ter cabida, sem seguros e valiosos penhores, o sr. João Franco e elle mesmo. Luiz de Magalhães, se filho legitimo da carne e do sangue de José Estevão, tambem sem duvida, filho espirito e degenerado do seu alto espirito e do seu grande coração... Sim, porque não pôde ser filho espirital de José Estevão aquelle que em 1901 na estação de Campanhã respondia aos ingenuos que o procuravam a sollicitar-lhe levantasse a sua voz no parlamento contra a reacção clerical, que José Estevão fóra apenas um *espectador* na questão religiosa, pois tanto monta afirmar isso aquelle que dizia «ter José Estevão combatido n'outros tempos os jesuitas só para certos fins politicos...»

E hoje, quando em Aveiro o sr. Luiz de Magalhães—invocando sempre o nome de José Estevão—tiver feito a apologia do violento dictador do Alcaide, avolumando em bellas imagens rhetoricas, pensadas e decoradas com respeitavel pertinacia e invejavel memoria, como garantia do seu futuro liberal o passado d'aquelle que arrancou desalmadamente aos povos os seus direitos e as suas franquias mais preciosas e não poderá expungir da sua historia politica a odiosa responsabilidade d'esse inqualificavel decreto de 13 de fevereiro contra os *anarchistas*,—documento unico em todas as legislações do mundo!—doloroso é que a estatua de bronze que perdura a memoria do grande orador n'uma praça publica da terra aveirense, não possa animar-se e, agitando aquelle braço que se alonga n'um amplo gesto de objurgatoria ardente, amesquinhar e pulverisar o pigmeu que, oriundo do seu sangue, lhe deturpa na sua propria terra a obra do seu grande espirito e com ella explora em proveito de tudo quanto elle condemnou e combateu!

Sim, pena é que essa estatua não possa animar-se e não diga com um triste accento indignado, partido do coração:

—Meu filho e meu herdeiro pela carne, meu detractor e meu inimigo, pelas tuas palavras e pelas tuas obras! Eu sou aquelle que um dia disse a 25 de junho de 1840: «A soberania reside na nação; este principio é eterno e immutavel, é uma verdade fundamental de toda a sociedade; principio alcançado nas batalhas e nas victorias. A soberania popular não é um principio de circunstancias d'este ou d'aquelle partido; não é principio de partidos, é principio de todos; a soberania popular estabeleceu-se nas batalhas de Asseiceira e Almoiteira; a soberania popular pertence á nação por um facto, e á revolução por um direito. A soberania popular é um dogma». Eu sou quem tal disse, meu filho pelo sangue e meu filho pela herança dos meus bens; e tu quem és? o pallido e miseravel sequaz d'aquelle que empregou toda a sua energia n'essa obra mesquinha e amaldiçoada do *engrandecimento do poder real*!

Escuta! Eu sou ainda aquelle que a 12 de agosto de 1840 assim dizia na camara onde tu arrastaste tristemente a memoria d'uma tradição com que não podias, porque ella não era tua e eu d'ella te expulso como indigno e como incapaz:—«A resistencia armada—dizia eu—é em certas occasiões, não digo um direito, mas uma obrigação. Se eu fosse chefe d'uma conspiração, se eu entendesse que os meus deveres de honra, que as necessidades do meu paiz, exigiam que eu renunciasse a minha procuração para tomar uma arma, que eu largasse esta cadeira para ir para o campo, os meus adversarios, os chefes do poder, os srs. ministros que combateram essa conspiração, haviam de certo ver-me no meio dos conspiradores, e a victoria não lhes seria tão facil como a de hontem, porque desgraçadamente tinha de ser mais sanguinolenta!» E tu quem és, triste e miseravel rebento da minha carne? Aquelle que, na mesma camara onde eu preferia aquellas audazes affirmativas de revolta, dizias a 1 de fevereiro de 1896:—«A coisa mais inadivavel que um governo liberal tem a tratar é fazer manter e garantir a ordem e não conheço senão duas maneiras de

a garantir e manter: ou a persuasão, para os espiritos superiores, para as almas superiormente illuminadas, ou a *coacção para aquelles em quem a miseria atrophiou o sentimento moral ou resvalaram na perversão moral!*» Eis quem eu era; eis o que tu és!

Eu sou ainda aquelle que a 14 de dezembro de 1857 assim dizia n'aquella mesma camara: «O governo de um só homem é o governo mais perigoso de todos os governos; é verdade antiga, mas não é mau o repetil-a. A liberdade de imprensa e de tribuna, não são feitas para desafogar paixões e contentar ambiciosos: são instituições indispensaveis para oppôr vontade a vontade, parecer a parecer, opinião a opinião, e tirar d'estas opposições os maximos expedientes de razão, de justiça e de moralidade, com que só se governam os povos; e ainda aquelle eu sou que, poucos mezes antes da minha morte, assim não hesitava em afirmar altivamente: «O governo pessoal é um mal, um grande mal, e o abuso do rei é um grande abuso!». Tu, és quem n'essa mesma camara onde parece terem-se esvaído para sempre os echos da minha sinceridade e da minha indignação, assim dizias a 1 de fevereiro de 1896, n'uma gaga eloquencia de archeiro cortejo:—«Os actos que hoje somos chamados a julgar são para mim de tal gravidade e importancia e constituem uma revolução politica tão grande e profunda como aquellas que no nosso paiz se fizeram com as armas na mão. Applaudo a dictadura e louvo o governo pela maneira porque a fez. Louvo o governo pela firmeza que soube mostrar executando a dictadura... Applaudo o governo pela firmeza com que fez executar a dictadura e pela tolerancia que revelou. Permitta-me, v. ex.ª, sr. presidente, que, ainda insistia n'este ponto... Mas, proseguindo, applaudo o governo pela tolerancia que revelou; e dizendo applaudo o governo, não sei se digo bem o que sinto; em verdade n'essa parte a tolerancia do governo foi quasi até á fraqueza!»

«E, gaguejando assim, que applaudias e louvavas tu? A supressão da liberdade de imprensa, da liberdade de tribuna, da liberdade de reunião e de associação, da liberdade de suffragio, a criação da corregedoria, a lei da 13 de fevereiro, as violencias aos professores... que sei eu? louvavas o *engrandecimento do poder real*! Vae, herdeiro da minha carne e dos meus bens! eu te expulso da minha herança espirital, eu te amaldiço pela exploração indecorosa que andas fazendo com o meu nome e com as minhas tradições!...»

... E, no espaço, enquanto o sr. Luiz de Magalhães erguia a sua taça em honra do carrasco das liberdades do seu paiz, o braço de bronze de seu pae, o grande orador José Estevão, devia parecer-se alongar n'um grande gesto de indignação e de repulsa...

JOÃO FRANCO

E A

CAVALLARIA

Parece que João Franco recebeu encomenda do Carmo para a referencia que fez no theatro sobre a cavallaria. O diabo da troca do regimento dá cada engulho a estas personalidades d'alto lá com elle. E então saltam e mandam saltar por cima de tudo para pôrem ao sol da iavéja aquella enorme encravadella. Não reparam quanto Aveiro e o districto se acham satisfeitos com a infantaria; não reparam no accrescimento que se anda procedendo no quartel por algumas vezes não haver alojamento para as praças; não reparam na regularidade com que são feitas as guardas no quartel, á cadeia e ao paiol, quando no tempo da cavallaria a da cadeia era muitas vezes feita por policias por não haver no quartel numero sufficiente de pra-

ças para o serviço da guarnição da cidade; não reparam no serviço que prestam ás suas familias as praças d'estas proximidades pela facilidade com que arranjam licenças em tempos de tranquillidade publica; e finalmente não reparam na distracção que a sua excellent banda nos proporciona aos domingos e quintas-feiras no jardim publico. Isto mette-se pelos olhos dentro a toda a gente, mas os estrovilhos aos progressos d'esta terra é que nada vêem ou nada querem vér quando pretendem cevar os seus odios em pessoas e causas que só nos favorecem.

Até agora o João Franco lhes serviu para phonographo.

Arre, pulhas...

Cartas d'Algures

22 DE JANEIRO.

O *Popular*, que, já o temos dicto, algumas vezes trata com verdade as mais graves questões d'interesse publico, sem que nos importe que o faça por amor do paiz, ou por motivos reservados como alguns pretendem—o caso importante é elle dizer a verdade—O *Popular*, dizemos, publicava no sabbado, e a segunda feira ultima, dois pequenos artigos dignos de nota, o primeiro intitulado *Trigos, farinhas e pão*, e o segundo *Cá e Lá*...

No primeiro põe em relavo um grande abuso do *Mercado Central dos Productos Agricolas*. No segundo trata da carestia da carne na Belgica, carestia que tambem se dá entre nós, accentuando que nós temos a mais a carestia do pão—e a do bacalhau e a do arroz, accrescenta *O Norte*—e a de tudo, completamos nós, como muitas vezes temos demonstrado, e a proposito d'un projecto proteccionista, defendido e apoiado pelos agrarios belgas, escreve *O Popular* estas palavras muito significativas: «O projecto naufragou na camara, porque o parlamento entende que a protecção mais efficaz era a que resultava de formar cidadãos fortes, energeticos, instruidos e empreheadores.»

Perfeitamente. Eis uma bella e patriótica linguagem. Assim *O Popular* a mantivesse sempre e com ella fosse sempre coherente, atacando não só o escandaloso regimen agrario, não só todos os abusos do protecționismo entre nós, como todas as medidas que tendam a agravar a triste e infeliz situação do consumidor em Portugal.

O grande abuso do *Mercado Central dos Productos Agricolas* é este. O *Mercado*, sem que regulamento ou lei alguma a isso o auctorise, exige ao lavrador ou commerciante 1/8 de real por cada kilo de trigo manifestado e outro 1/8 de real aos moageiros por cada kilo de trigo distribuido ás fabricas. Ao todo 1/4 de real por cada kilo de trigo do paiz, metade pago pelas fabricas e outra metade pelo lavrador ou commerciante.

Do mesmo modo e com as mesmas bullas, accrescenta *O Popular*, exige das fabricas de moagem 1/4 de real por cada kilo de trigo exotico que é submettido a despacho, o que em 60 milhões de kilos de trigo exotico a importar representa um accrescimento de despeza de mais de 15.000.000 réis para aquellas fabricas.

«Mais ainda. São exigidas umas certidões das fabricas terem adquirido o trigo nacional que lhes foi distribuido, e do trigo que tem direito a importar, custando cada uma d'estas certidões, que constam de singellos e rapidos dizeres, apenas 4500 réis cada uma!»

O verdadeiro regimen do pi-

Cada um pilha o que póle, como póle e quanto póle.

Assim as fabricas de moagem, que o Mercado Central, para sustentar os parasitas de que está cheia — para isso serve o protecção — expolia pela maneira que acabamos de ver, expoliam-se, por seu turno, umas ás outras. Ou antes, é a grande moagem que expolia a pequena industria. Porque ultimamente chegámos a isto: as grandes fabricas vivem d'esperar a agonia das pequenas. Na morte destas está a sua esperança. E no dia em que estas morrerem, mais uma ameaça ficará pesando sobre o consumidor.

Segundo a lei, o preço do trigo exótico, com todas as despesas, incluindo a importância do direito a cobrar nas alfandegas, será de 60 réis por kilogramma.

Suppouhamos uma fabrica com a percentagem de 0,16 e outra com a percentagem de 8,83.

A primeira põe a moer um milho de kilos de trigo nacional, que lhe custam 70:000\$000 de réis. A segunda, vinte milhões, que lhe custam 1.400:000\$000 de réis.

A primeira dá o rateio, sobre os 60 milhões de trigo exótico decretados, 96:000 kilos, que, ao preço de 60 réis, custam réis 5.760\$000. A segunda, 5.293:000 kilos, que custam, pelo mesmo preço, 317.880\$000 réis.

Custo total do trigo na primeira fabrica: 75:760\$000 réis, que, a dividir por 1.096:000 kilos de trigo, dão, para cada kilo, o preço de 69 réis e um decimo.

Custo total do trigo na segunda fabrica: 1.717:880\$000 réis, que, a dividir por 25.298:000 kilos de trigo, dão, para cada kilo, o preço de 67 réis e nove decimos.

Ha, portanto, a favor da grande fabrica uma vantagem de um real e dois decimos em kilo, o que, na totalidade, dá uma diferença de 30:348\$000 réis, e só essa diferença cobre o juro de 6 por cento de um capital de réis 505:000\$000.

Eis o segredo dos homens do trust.

Com esta iniquidade vai o governo favorecer um novo monopolio. Os rateios tem sido sempre feitos segundo influencias varias. A pequena industria tem sido sacrificada á grande industria. O trust é estabelecido sobre o rateio. As pequenas fabricas serão, por conseguinte, avaliadas por uma bagatella. Não lhes convém entrar no trust. Convém-lhes resistir e o consumidor teria toda a vantagem em que ellas resistissem. Mas como não de resistir, se o governo, que deveria ser o legitimo defensor dos interesses do consumidor, as põe em condições de não poderem resistir? Foi o governo que as annullou. O governo, tornando o rateio iniquo ao ponto que demonstramos.

Com a vantagem concedida ás grandes fabricas, é impossivel a lucta da pequena industria. As pequenas fabricas hão-de-se entregar de mãos atadas. E, sem cou-

correncia, a grande industria fará, em seu interesse e prejuizo do consumidor, aquillo que quiser.

Por todos os lados a incapacidade e a cumplicidade do legislador.

A burla dos rateios só poderia terminar quando o preço do trigo nacional descesse, contribuindo-se o trigo estrangeiro de fôrma a ficar pelo preço do nacional. E' inutil esperar-se isso. O que devemos esperar é a continuação d'esta pouca vergonha em que vivemos, pouca vergonha em toda a linha.

O Mercado Central, absolutamente inutil como repartição do estado, como já tivemos occasião de dizer n'uma d'estas cartas, tornou-se um ninho de parasitas e para so sustentar abusa da maneira que se viu.

A agricultura, tendo um regimen d'excepção, com venda certa, a preço certo, não só do seu trigo como do trigo de contrabando, que os lavradores da raia compram em Hespanha a 360 réis para o venderem em Portugal pelo dobro, ainda tem o direito de fixar o imposto sobre o trigo estrangeiro, e o de se pronunciar sobre se o deficit cerealifero deve ser satisfeito em grão ou em farinha!

Os grandes moageiros, tornados contrabandistas e falsificadores, não todos mas alguns, e estes são apontados a dedo em todo o paiz, ainda tem sobre a pequena industria a vantagem da iniquidade na distribuição dos rateios.

E para coroar a festa o governo, que não consente a importação de farinhas, reservando para si esse privilegio, privilegio que em circunstancias anormaes custa ao thesouro centenaes de contos, decreta a cada passo a importação de pão.

Uma pouca vergonha em toda a linha. E como se não fosse bastante, ainda agora as propostas de fazenda tentam encarecer mais os generos de primeira necessidade.

Mas que fazer, se em Portugal poucos são os que tomam a peito estas coisas?

A. B.

JANTAR

Os partidarios da Velha guarda do Recreio Artístico, organisaram no domingo um jantar n'uma das dependencias do Hotel Central, que constou de 85 talheres.

Vimos alli representantes os velhos organisadores d'aquella sociedade e que tão denodadamente combateram pela causa artistica.

Os serviços de cozinha foram profusos e variados, prolongando-se o jantar até ás 8 e tal horas da noite. Os brindes foram constantes, espontaneos e sinceros, lembrando-se n'elles os fundadores da sociedade que acompanharam o grupo, o velho abeydo ausente, José da Maia, os protectores d'aquella casa e finalmente

sentiu-se ufano do acerto com que cortara pela raiz uma doença, com a qual se tinham enganado os principaes medicos de Hespanha, segundo a confissão do doente.

Já o doutor Braz queria espaçar as visitas; o hespanhol, porém, insistia, pagando as a brio, que não lhe faltasse diariamente com ellas. Estava sendo celebrado em Aveiro este triumpho recente do Olho de Vidro.

Já o convalescente se julgava restaurado, e o doutor como tal o dora; o forasteiro, porém, affieçoado á terra onde se recobrava, determinou passar n'ella a primavera de 1732, e voltar nutrido a Castella, de modo que os medicos madrilenses se comessem de inveja dos seus collegas portuguezes.

O doutor Braz, como visse no seu enfermo D José Aristizaval (assim era conhecido em Aveiro) excellentes qualidades, contando n'estas a bizzaria indicativa de riqueza, convidou-o a servir se de sua casa e da conviven-

todos aquelles que, directa ou indirectamente, tem concorrido para o seu engrandecimento.

Tambem, n'essa festa intima, teve o sr. Manuel Homem de Carvalho Christo occasião de avaliar quanto é estimado por todos e especialmente pela classe operaria.

A sala estava lindamente ornamentada, vendo-se sobre o logar da presidencia o retracto do sr. Manuel Christo entre heras e festões de verdura.

Aos lados da sala os seguintes dizeres: 14 de janeiro de 1904. Viva o Recreio Artístico. Viva a Velha Guarda.

Designando os logares dos convidados viam-se uns bonitos cartões com o menu do jantar, que eram curiosissimos, com boapheria, mas inoffensiva.

Entre os brindes salientaram-se alguns pelos vencidos e pelas suas prosperidades.

Enfim, uma festa brilhante, não tendo o menor dissabor a perturbar a alegria d'aquella sympathico agrupamento de rapazes, embora a alguns já lhes alvejave as brancas.

A CHEGADA DO PATRÃO

A chegada do João Franco á estação revestiu uma imponencia de mil diabos. Confessamo-lo.

Vimos alli o Manuel Parda, o Manuêlinho Besugo, o Mofa, o Fundanga, o Areias, o Pae da Vida, o João da Russa e João Heuques, Mijareta, etc, etc, que em largos gestos e franca acclamação victoriarão o grande Messias, o inolvidavel mensageiro das trêtas. Em cabello, agarram-se ao homem, puxam-no, arrepelam-no e encafuam-no pelo carro dentro. E os vivas eram constantes, só com a diferença que se enganavam a cada momento no recado e, em vez de gritarem: Viva o partido regenerador liberal, gritavam com toda a força dos seus pulmões: Viva a libardade franca; Viva a libardade do operario, etc.

De mistura tambem se ouviam vivas aos srs. conselheiro José Luciano, Albano de Mello, Hintze Ribeiro, Pimentel Pinto, etc, etc. E a turba, a maior parte mulheres, que tinha ido á estação atraz da musica, veio para baixo desanimada com a chuchadeira da recepção. Mas ao chegarem em frente das janellas do morgado do Carmo, pararam mais uma vez, para ouvirem os vivós encomendados.

E depois tudo dispersou, com a mesma fleugma que á estação os tinha levado. E João Franco até amanhã.

Com a vinda do patrão a esta cidade succederam as mais divertidas e comicas peripecias.

Uma d'ellas foi a despejadella da taça de champagne na careca

cia de sua esposa e filhos, os quaes, dizia Braz Luiz, são tantos que bastam a formar uma assembléa em Aveiro ou sarão d'aldeia, que monta o mesmo,

Agradeceu e aceitou o convidado o offerecimento; e, logo á primeira visita, brindou a esposa do seu medico e as cinco meninas, formosuras muito de se verem, cada uma com sua joia de preço. Reparou logo e de relance em D. Josepha, e recordou uma por uma as feições de D. Maria Cabral.

Ficaram as meninas contentissimas dos presentes, que eram braceletes de ouro, mandados comprar ao Porto, com o designio já posto no destino que tiveram. Entredito n'estas coisas, mistura de puridade e bons sentimentos, o espirito de Francisco Luiz ia cobrando alento e certa energia. Grande parte n'esta sua insolita actividade era por certo a esperança de saber pelo mundo a vida tragica do seu amigo Antonio de Sá.

d'um dos convidados ao almoço, pelo antigo republicano Anselmo. Devia ficar fresco, não ha duvida.

O pobre do Meyrelles, foi a final, o mais infeliz com a vinda do grande homem. Coitado. Aquella enganoso foi o diabo, amigo Meyrelles. E temos pena por que o João Franco deve-o hoje medir pela bitóla inferior ao Areias. Muito inferior. Foi o diabo, amigo Meyrelles, foi o diabo.

O Domingos Leite é que d'esta vez se não importou do chapéu alto nem das luvas.

Fez bem, compadre, fez bem. Aquella farrimonia não lhe fica a matar. O Mijareta apruma-se melhor.

Dizem-nos que o João Franco foi muito desanimado por os vivas só partirem do Areias, que chegou a ultrapassar a conta dos que lhe tinham sido encomendados.

Debaixo das janellas de Jayme Lima quando João Franco a ellas assomou:

Uma voz avinhada: — Viva o partido regenerador... liberal.

Outra voz: — Cala a bôcca bebido...

João Franco deveria cahir da janella abaixo se não fôra as grades da mesma. Não era caso para menos.

O sr. Carlos da Silva Mello Guimarães dispensou os seus operarios do trabalho de segunda-feira para a vontade poderem acclamar o dictador do Alcaide.

Dizia o Sebastião da Linda que a mão esquerda do patrão contribuiu bastante para o entusiasmo da recepção ao Messias salvador. Elle lá se entende...

O revolucionario Maravilhas deu que fazer aos caudatarios do Jayme, d'esse jayme que vai para onde João Franco vai e para onde jayme vai e vai-se sempre bem, amen. Mas o Maravilhas não lhe deu só que fazer; deu-lhe tambem gastos de dinheiro, pois que o Mijareta, temendo algum fracasso ao João Franco, houve por bem pagar a passagem aos encarregados dos vivas até ás Quintans, para onde o Maravilhas tinha tirado bilhete como excursionista.

E o melhor da passagem é que a rapaziada, na volta, encontrando-se com o sr. dr. Manuel de Mello, que seguia no comboio ascendente, victoriou-o espontaneamente. O que o Maravilhas fez!!!

O entusiasmo das ultimas eleições do Recreio fez com que o João Franco tivesse conhecimento do caso pelas peripecias que se deram. Vivam os gallitos,

Seguiram-se as visitas e foi-se apertando a intimidade. As meninas e os rapazes folgavam muito de ouvir o velho D. José contar historias curiosas das suas navegações. Um dia, veio ao ponto uma batalha de corsarios com uma não hollandeza, em que elle viajava na costa de S. Domingos.

— De S. Domingos!? — exclamou D. Josepha. — Já esteve n'esses sitios vossemecê?

— Avistei-os — disse o hospede.

E inventou uma rija peleja entre hollandezes e piratas, descripção temerosa que tinha os ouvintes espavorcidos.

Terminou o sarão d'aquella noite; e, na seguinte, Braz Luiz de Abreu, cada vez mais entrado de affecto ao hespanhol, lhe disse:

— D. José Aristizaval, hoje sou eu o narrador de desventuras de navegantes. A historia que eu vou referir só a sabe em Portugal minha mulher e eu: de hoje ávante ficam-na sabendo o meu honrado hospede, que

berrava um descontente d'aquella sociedade na estação do caminho de ferro.

No theatro, um pandego qualquer, gritava lá de cima do gallinheiro: ki ki-ri-ki.

Este tinha razão porque estava no seu verdadeiro elemento—no gallinheiro.

Um dos convidados ao almoço, tendo naturalmente as ideias um pouco afastadas do logar onde se achava, ergue repentinamente a sua taça de champagne e exclama no auge do enthusiasmo:

Viva o sr. conselheiro José Lu... , mas não acabou a phrase porque mão do lado lhe tapou os folles.

Olha que gajol

O caso mais sensacional da vinda a Aveiro do João Franco foi a beijóca que o Areias deu na mão ao salvador na estação do caminho de ferro.

Um chôcho dado pelo Areias na mão do Franco é de rebentar o códs das calças.

Em Verdemilho não se falla n'outra coisa que não seja no chapéu alto, nas luvas e na casaca do Cabecinha.

Na segunda-feira foi o prato do dia dos moradores do logar a sahida de tão imminente individualidade para Aveiro. Ah! ah! ah! e mais ah!

Era tudo de bôcca aberta perante a sua bella figura e do seu chapéu alto.

E com razão. O chapéu alto as luvas e a casaca ficam-lhe mesmo a matar.

João Franco devia ficar impressionadissimo com a sua apresentação.

Na estação pretendem o Manuel Parda abraçar João Franco á sahida do comboio.

Dizem-nos que os partidarios do grande homem se oppozeram a que elle o fizesse, mas contra o que nós protestamos solemnemente. Tanto direito tem o Areias em lhe beijar a mão como o Parda em lhe dar um abraço. Protestamos por isso.

Dizem que João Franco não gostou nada da beijóca que o frei Chica lhe deu, babando-o todo. Na verdade, um porquairão d'aquelles nunca deveria approximar os sacrilegos beijos das faces do dictador.

E' caso para se ficar excomungado.

Na estação, o operario Jeronymo Raposo convidou João Franco a dar um passeio a pé até á residencia de Jayme Lima, pois muito tinha que lhe contar sobre a revolta do nabo, na qual elle tomara a melhor parte gastando

a não ha-de repetir a portuguezes, o os meus filhos, que por interesse seu, hão-de calal-a.

— Honrado sou eu por benevolencia do doutor — se vossemecê me considera igual com seus filhos no merecimento de entrar no segredo de seus pais, respondeu Francisco Luiz.

— E' segredo de tanto porte — acrescentou o medico, abaixando a voz — que não sei d'outro em minha vida com que possa mostrar-lhe a confiança que me merece, senhor D. José.

E, passados alguns segundos, Braz Luiz de Abreu, silenciosos profundamente os ouvintes, principiou assim:

— Minha sogra era filha de um dos primeiros fidalgos de Traz-os-Montes. O solar dos Cabraes de Carrazeiro é um dos mais antigos de Portugal. Meu sogro era hebreu, e chamava-se Antonio de Sá Mourão, natural da Guarda.

(Continúa.)

FOLHETIM
CAMILLO CASTELLO BRANCO
O OLHO DE VIDRO
(Romance historico)

XII
Historia de Antonio de Sá

Recobrou Braz Luiz de Abreu aviso para ir ver um hespanhol que pousara enfermo na estalagem.

Francisco Luiz queixou-se de varias molestias, ouviu o parecer do medico, pagou-lhe generosamente e pediu-lhe que o visitasse todos os dias.

Dos remedios receitados não se aproveitou, porque os achaques eram phantasticos, e bem sabia o doutor Abreu como era facil enganar outro doutor Abreu.

No dia seguinte, o Olho de Vidro encontrou melhorado o seu doente, e

METHODO JOÃO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) aprovada pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br. 200 réis, cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

Album, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 5000 réis.

Quadros parietaes, ou as mesmas lições da CARTILHA MATERNAL em 35 cartões, preço, 6000 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

O Methodo de escripta, vende-se aos GADERNOS ou às COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebras polemicas sobre questões de pedagogia), 1 vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.ª parte das questões sobre o prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 500 réis.

Prosas, (narrativas, cartas, prologos, criticas, etc., coordenadas pelo dr. Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis

Campo de Flores, 3.ª edição de versos, coordenados pelo dr. Theophilo Braga, um elegante volume de 525 pag., com dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indisciplinavel que ensinam a ler pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 800 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem terão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus, Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º—LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (4 Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS. Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra. Extrah, obtura, colloca dentes e encamrega-se do concerto de dentaduras. R. DIREITA, 58, 1.º Aveiro.

DEPOSITO DE MAGNINAS DE COSTURA DA ACREDITADA FABRICA "PFAFF," Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN São estas as melhores machinas de costura. A machina «PFAFF» para costureiras. A machina «PFAFF» para alfaiates. A machina «PFAFF» para modistas. A machina «PFAFF» para sapateiros. A machina «PFAFF» para selairos. A machina «PFAFF» para corrieiros. A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambrata ao mais grosso cabedal.

Uma inauguração

Foi hontem que se realizou a installação da nova Sociedade dos Gallitos, os dissidentes do Recreio Artístico.

A's 5 e meia da tarde, a pedido d'um entusiasta, tocou á porta do edificio a charanga de Frosos, que andava pelas ruas da cidade angariando donativos para a festa de S. Sebastião, não a Portuguesa, como das janellas se solicitava, mas sim duas coisitas trevias.

PELOS ARAMES

Acabamos de receber o seguinte telegramma, que traz a nota de—Urgente:

ALMEIDA, 23, ás 4 h. da tarde.—A cidade encontra-se ha dois dias em entusiastica festa. Ruas brilhantemente decoradas e illuminações á noite deslumbrantes. O Salvador da patria e das «batatas» conseguiu que regimento de infantaria 24, abri aquartellado, fosse transferido para aqui.

E' indisciplinavel o entusiasmo das «massas».

Cavallaria 7 segue para Aveiro brevemente.

A visita do «Fervilha» a essa cidade foi unicamente para dizer aos «Chigas», «Bichezas» e «Mijaretas» que ao seu forte empenho devem tudo isto.

Hurrah pelos «patriolimineiros»!

Dr. Julio.

PUBLICAÇÃO A PEDIDO

GAZETILHA

— Oh mulher tu o que tens Que vens tão desfigurada? — Pois s'en passei aos Balcões A scismar c'os meus holdes E um gallo bateu-me a aza!

— Quem foi esse figurão Que bateu aza com manha? — Foi o socio da Gafanha. — Desses-lhe forte repellião Quelle tem força d'aranha...

— S'en lhe agarro n'um braço E o faço dar uma toira Vinha o Eugenio c'o compasso E o Pompeu c'o a thesoura... Fosses tu dar-lhe uma toira...

— Deixa-o vir cá para cima Hoje, de noite ou de dia Afiro-lhe c'uma bacía Quero ver s'elle m'arrima C'os rabos da colovia

— Não l'andes a encommodar Q'elles foram condemnados A serm sem dó degolados No domingo p'ra jantar. E depois de deppannados, Toca a rir, toca a foigar.

OTTEN.

Notas alegres

Ao confessar-se, um cigano accusou-se de ter malado uma môsa com um martello.

— Homem, isso não é peccado, lhe disse o padre.

— Mas é que a môsa estava na tésa da minha mulher...

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de couros, em leilão todas as segunda-feiras ao meio dia, em lotes correspondentes á matança de cada dia.

As condições estão patentes no acto da arrematação.

Venda de sebo, tripa, sangue secco para adubos, estrume, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

João Franco a caminho de Lisboa:

— O' Souza, que tal te pareceram as manifestações d'Aveiro?

— Simplesmente chatas.

— Chatas, sim, e bem chatas.

O Jayme den rata na encomenda dos vivorios. Se não era o fervilha do Areias, aquillo cahia de pôdra.

— Isso é que é verdade. Deve-se-lhe muito apazar da gente da comitiva o ver só elle apparecer em toda a parte e a berrar como um cabrito.

— Em todo o caso mereca a Torre Espada quando eu lá fór.

O Souza á parte:

— Se lá chegares.

A ÚLTIMA HORA

Pelo João Franco foi promettido ao Areias a Torre Espada logo que sua ex.ª suba ao poleiro. E não faz nada de mais.

Relação das pessoas que concorreram com o seu obulo para o bôdo aos pobres, distribuido pela direcção do Recreio Artístico no dia de Natal, e bem assim a nota das despesas:

RECEITA

João dos Santos Silva, para carne, réis 35000; Gustavo Ferreira Pinto Basto, 15000; Francisco Manuel Couceiro, 15500; Francisco Picado, 500; dr. Luiz Regalla, 500; José Maria Rib-iro, 500; dr. Peixinho, 500; Domingos J. dos Santos Leite, 15000; Santa Casa da Misericórdia, 35000; Antonio Cardoso d'Azavedo, 500; D. Edwiges Cunha, 200; Francisco da Silva Rocha, 500; Antonio Augusto da Silva, 500; Augusto José de Carvalho, 200; Maximo Henriques d'Oliveira, 500; Julio da Silva, 200; João Trindade, 200; Manuel da Rocha, 200; Manuel Antero B. Machado, 500; João Pinto de Miranda, 500; dr. Antonio Carlos Mello Guimarães, 200; Albino Pereira, 200; Joaquim Cadete, 200; dr. Jayme Lima, 15000; um anonymo, 500. — Total, 175600 réis.

Em generos: — João dos Santos Silva, 15 kilos de carne de vacca; Jeremias Vicente Ferreira, 5 litros de vinho; Albino Pinto de Miranda, 10 kilos de arroz; Antonio Felix, Filhos, 10 kilos de arroz; Alfredo Esteves, 5 rações de carne e toucinho; João Maria da Graça, 3 ditas; João Ferreira dos Santos, 5 pães de 40 réis; Carlos Mello Guimarães, 7 duzias de pratos de faiança.

DESPEZA

A Alfredo Esteves, carne, 35300; a João Maria da Graça, carne, 35300; á viuva de João Camello, carne, 35645; a Albino Pinto de Miranda, arroz, 25500; a João Ferreira dos Santos, pão, 600; a Antonio Maria Ferreira, pão, 880; a Manuel Christo, pão, 720; a Francisco Cavaco, 480; a Manuel Caetano Mattos, pão, 480; esmola em dinheiro a 3 pobres, 690; a uma mulher que fez os cartetos, 100; a José Bernardes, impressão de 200 cartas, 800. — Somma, 173495 réis.

— Restam da receita 505 réis que revertem a favor dos pobres.

— Foram distribuidos mais 35500 réis por 87 pobres, offerta do sr. João dos Santos Silva.

Pedem-nos a publicação do seguinte:

DESAFRONTANDO-ME

Tendo resolvido ir na terça-feira ás Quintans no comboio da 1.ª da tarde, tirei o respectivo bilhete e dirigi-me para a gare da estação onde encontrei algumas pessoas que assistiam á partida do sr. conselheiro João Franco, mas com o que eu, simples passageiro, nada tinha nem queria saber. Pois a minha apparição na gare foi o sufficiente para que o Accacio Rosa, um dos rabiscadores do jornalco da localidade, me tomasse como espião, levantando logo o grito d'alarme, em consequencia de eu ser o typographo do Povo de Aveiro (que m'êto lhes mette um simples operario!) dirigindo-se acto continuo á minha pessoa com modos bruscos a increpar-me com palavras insultuosas o sr. dr. Jayme Duarte Silva, que tem carta de bacharel, chamando-me garoto e que já me tinha sustentado um anno quando levei o Jornal de Aveiro, periodico republicano, de que elle era redactor; respondendo-lhe eu que não lhe pedi para ir tomar a direcção technica do tal jornal, pois que foi elle mais os seus amigos que instaram commigo para ir dirigir a typographia, estando eu ao tempo empregado no Campião das Provincias, terminando bruscamente com o mesmo jornal e deixando-me desempregado.

Agora, apenas só direi ao sr. dr. Jayme Duarte Silva, que sua ex.ª desceu um pouco da sua dignidade, dirigindo-se a um pacifico passageiro, que seguia viagem, que nada queria saber, repito, das manifestações ao sr. conselheiro João Franco.

Por estas linhas se confessa grato o

De V. Ex.ª, etc. Aveiro, 20-1-904.

João Pinto Evangelista.

6.000 réis para se vêr livre da gaiolla.

Mis Mijareta que previa fiasco, accudiu logo do lado:

— Oh diabo, essas coisas não são para aqui.

E lá encafiou João Franco no carro com grande mágua do Jeronymo Raposo.

Emquanto o filho ingrato do grande tribuno que se chamou José Estevão punha nas calumnias da lua o Anti-Christo da Patagonia, repetia um espectador da plateia a immortal carapuça que Belmiro tihou de proposito para a sua cabeça:

Os mineiros das trévas cavam com presteza A vacillante luz d'uma sanguinea chamma, Os filhos dos heróis ajudam a torpeza, Os paes eram de bronzo os filhos são de lama.

A estatua do grande homem não cahiu, mas dizem-nos que o pedestal fendeu.

O filho da terra, que mais parece filho do céu, não se lembrou agora de quem era filho, encomendando o almogo offerecido ao patrão, ao Paulo Bergamim.

Ora bôlas para tal filho da terra!

Uma do Abrantes da Serra no theatro:

— Passem, passem alli para aquelle lado, porque no Porto, estavam nus a cavallo nos outros e não faziam tanta bulha.

O dr. Pinho, d'Albergaria:

— Se estavam a cavallo uns nos outros é claro que eram os de baixo burros.

Os franquistas do Porto que agradecem ao Serra d'Abrantes, queremos dizer, ao Abrantes da Serra.

Constou na cidade que o habil algebrista Manuel Netto fôra indiciar um braço ao Chica que o deslocara com tanto aplauso que deu ao João Franco na conferencia do theatro. Outros afirmam que fôra uma perna pois que os laes aplausos tinham sido dados com as mãos no chão e os pés para o ar. D'ahi á verdade, não sabemos.

Os correspondentes d'aqui para os jornaes do paiz mentem todos.

O numero redondo de pessoas que foram á estação esperar o João Mexias foi de 500, divididas assim: Para musicata, 200, como simples espectadores da festarolla 100; operarios das fabricas de Mello Guimarães e Pereira Campos que alli foram a pedido dos respectivos patrões, 100; adeptos de Jayme Lima que alli foram tambem a seu pedido, 100. Somma total, 500 pessoas.

Ora ahi tem a verdade os srs. correspondentes. E para a outra vez sejam mais justiceiros.

Diz-nos aqui do lado o nosso visinho Muleta que se não fôra a influencia do banquinho nem o João Franco cá viria, e se viesse apenas encontraria na estação o Rebôlo a proguntar-lhe se queria hotel magnifico, bom tratamento, e mais cantilena do estylo.

Isso sim, lhe replicámos nós; que raio de influencia pôde ter um banco?...

— Ai v. está a sonhar com as coisas homem.

E foi-se embora sem nos acabar de explicar o extranho caso do banco maravilhoso.

Ficará para outra vez.

O João das Maravilhas não maravilhou ninguém pela forma como procedeu na estação com o Mijareta. Maravilhados ficavamos nós todos se lhe tivesse applicado tres valentes murrças na cacholla.

Isso sim. Isso é que era caso para maravilhas.